

Resumo expandido:

No imaginário do fim da história de Fukuyama [7] e a validação de que a democracia liberal é o único regime capaz de suprir as necessidades modernas da sociedade, vários grupos sociais atribuíram significado à democracia em busca da identidade política. Neste ínterim, o populismo não deixou de atribuir a sua própria definição. Como um movimento que se beneficia de situações de crise – sejam elas amplamente reconhecidas ou discursivamente articuladas como tal [28] –, atribuiu significação própria à democracia, o que originou a massiva identificação social com este fenômeno. Em razão das ferramentas que possuem e do discurso cirúrgico que utilizam para captar as emoções mais profundas dos adeptos, o populismo conseguiu se consolidar no cenário da crise política contemporânea. A atual circunstância brasileira é ainda mais crítica.

O populismo, que não é novidade nas terras tupiniquins, ganhou protagonismo nos últimos anos. Dentro de um contexto que conecta grandes eventos esportivos e movimentos político-sociais, desde meados dos anos 2010 até o presente momento, a política brasileira tem sido caracterizada pela polarização, sobretudo representada pela utilização do símbolo do Brasil, seja através da camisa da seleção brasileira de futebol e/ou da própria bandeira, por determinado polo e a tentativa de retomada deste ícone nacional pela oposição. Essa situação do cenário brasileiro vem sendo crescente, mas eclodiu, sobretudo, no ano de 2022 com as eleições acirradas entre dois líderes opostos e populistas. Em outras palavras, o Brasil encontra-se em um limbo político representado pela troca de um governo populista por um governo populista com discurso antipopulista. Neste cenário antagônico, os principais sujeitos integrantes da democracia representativa tiveram suas emoções afloradas. Era comum notícias nos meios de comunicação envolvendo brigas, discussões e agressões devido à rivalidade instalada.

Justamente por ser um rótulo controverso, o populismo pode ser descrito por diferentes acepções nos diferentes contextos [8], gerando diferentes emoções e reivindicações sociais [16] que acabam por entrar em conflito dentro de um ambiente em crise. As emoções não são sentimentos interiores que permanecem isolados. Emoção é muito mais a consciência da cooperação entre o corpo com uma ideia [11], a qual vai adquirir características externas a partir da interação com o contexto social. Em um ambiente de crise política, as interações sociais tendem a confrontar-se mais com

elementos que estão à tona como os grandes eventos esportivos. É de se discutir, por exemplo, a coincidência quadrienal da Copa do Mundo e das eleições presidenciais.

O objetivo deste grupo de trabalho é, portanto, abordar aspectos da crise democrática brasileira dentro do contexto esportivo, isto é, a conexão entre grandes jogos ocorridos no país e a atual conjuntura política polarizada do país. Mais especificamente, analisa-se as emoções da população brasileira com foco nos atores que utilizam o símbolo do país com finalidade política e aqueles que defendem a “retomada” da bandeira do Brasil pelo povo. É por meio dos objetivos específicos que a proposta conecta com o tema do seminário: pensamento social brasileiro.

A partir desta contextualização, é esperado receber propostas de trabalhos que envolvam as seguintes questões: O Brasil vive uma crise democrática? A atual crise democrática é decorrente do populismo? Quanto o populismo influenciou/influencia na escolha de país/cidade sede de grandes eventos? O futebol atua como um dos fatores de integração social brasileira no século XXI? A Copa do Mundo no Brasil em 2014 resgatou a identidade nacional com a seleção brasileira de futebol? Os megaeventos, ocorridos nos últimos 10 anos no Brasil, abalaram a democracia brasileira? Qual foi o momento que a bandeira do Brasil foi politizada? O que pensam aqueles a utiliza com finalidade política? O fato de as eleições presidenciais ocorrerem no mesmo ano de Copa do Mundo tem ligação direta com o lado emocional dos votantes?

A partir desse engajamento dialético, espera-se encontrar respostas no sentido de entender o atual fenômeno político e social que o país está passando, e por que “apropriou-se” de um símbolo nacional. Mais que isso, é aguardado resultados que se inclinam à conexão da cultura do futebol enraizada na sociedade brasileira com a política de cunho populista também presente e alvo de críticas no sentido de impulsionar a crise democrática.

A bibliografia que suporta esta proposta é

[1] Arendt, H. (2018). *As origens do totalitarismo* (Roberto Raposo, Trad.; 8ª ed.). Dom Quixote.

[2] Canovan, M. (2005). *The People*. Polity Press.

[3] Cossarini, P. & F. Vallespín (eds.). (2019). *Populism and Passions: Democratic Legitimacy After Austerity*. Taylor & Francis Group.

[4] Demertzis, N. (2006). Emotions and Populism. In: Clarke, S., Hoggett, P., Thompson, S. (eds) *Emotion, Politics and Society*. Palgrave Macmillan, London. https://doi.org/10.1057/9780230627895_7.

[5] Eklundh, E. (2019). *Emotions, Protest, Democracy Collective identities in contemporary Spain*. Taylor & Francis Group.

[6] Finchelstein, F., & Urbinati, N. (2018). 'On Populism and Democracy'. *Populism*, 1(1), 15-37. <https://doi.org/10.1163/25888072-01011001>.

[7] Fukuyama, F. (1989). The End of History? *The National Interest*, 16, 3–18. <http://www.jstor.org/stable/24027184>.

[8] Gianolla, C. (2017). Democratisation beyond the Crisis of Liberalism, Bringing Civil Society within the State. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 114, 187-206. <https://doi.org/10.4000/rccs.6820>.

[9] Gianolla, C. (2017). Populism, a thread and a chance. Between demagogy and participation. *Società Mutamento Politica*, 8(15), 327-352. <https://doi.org/10.13128/SMP-20862>.

[10] Goodwin, J.; Jasper, J. & Polletta, F. (2005). *Passionate Politics: Emotions and Social Movements*. The University of Chicago Press.

[11] Hochschild, A. R. (1983). *The managed heart: commercialization of human feeling*. University of California Press.

[12] Laclau, E. (2005). *On populist reason*. Verso.

[13] Laclau, E. (2011). *Emancipação e diferença* (Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo, Coord. e Trads.). EdUERJ.

[14] Laclau, E. & Mouffe, C. (2001). *Hegemony and Socialist Strategy*. Verso.

[15] Lynch, C., & Cassimiro, P. H. (2022). *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. Contracorrente.

[16] Malkopoulou, A., & Moffitt, B. (2023). How not to respond to populism. *Comp Eur Polit*. <https://doi.org/10.1057/s41295-023-00341-9>.

[18] Mouffe, C. (2019). *Por um populismo de esquerda* (Helena Ramos, Trad.). Gradiva.

[19] Mudde, C.; Kaltwasser, C. R. (2017). *Populismo: uma brevíssima introdução* (Maria de Fátima Carmo, Trad.). Gradiva.

[20] Müller, J. W. (2017). *O que é o populismo?* (Miguel Freitas da Costa, Trad.). Texto Editores.

[21] Panizza, F. (Ed.) (2005). *Populism and the mirror of democracy*. Verso.

[22] Schumpeter, J. (2018). *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (Pedro Bernardo, Trad.). Actual.

[23] Stavrakakis, Y.; Katsambekis, G.; Kioupiolis, A.; Nikisianis, N. and T. Siomos (2018). Populism, anti-populism and crisis. *Contemporary Political Theory*, 17(1), 4–27. <https://doi.org/10.1057/s41296-017-0142-y>.

[24] Urbinati, N. (2019). *Me the people*. Harvard University Press.

[25] Vossolo, J. V. (2021). *Crisis and Democratic Legitimacy: the divergence of narratives on democracy in the Portuguese social conflict*. [Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra]. <http://hdl.handle.net/10316/95300>.